

HISTÓRIA DA SAÚDE: ACERVOS DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS NAS BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS**HISTORY OF HEALTH: SCIENTIFIC PERIODICS COLLECTIONS IN SPECIALIZED LIBRARIES**Márcia Regina Barros da Silva¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir possibilidades de trabalho com acervos históricos de revistas médicas. Defendo a proposta de que as revistas criadas em São Paulo no período entre 1889 e 1950 podem ser lidas, entre outros, em função da atuação das suas respectivas instituições mantenedoras. Proponho uma periodização em três momentos, em função das instituições médicas criadas no período. Será discutida, a título de exemplo, a Revista Médica de São Paulo, primeiro periódico médico criado no estado e que circulou por apenas um ano. Os textos publicados na revista apresentam diversas possibilidades de análise para discutir a história da saúde. O objetivo final deste artigo é demonstrar a relevância e pertinência dos periódicos científicos e o lugar das bibliotecas especializadas como acervos para a história das ciências da saúde no Brasil.

Palavras-chave: Periodismo. Saúde, São Paulo. Revistas médicas. História.

Abstract: This article aims to discuss possibilities of working with historical collections of medical journals. I defend the proposal that journals created in São Paulo between 1889 and 1950 can be read, among others, due to the performance of their respective supporting institutions. I propose to periodize this period in three moments, depending on the medical institutions created in the period. For example, the Revista Médica de São Paulo, the first medical journal created in the state and circulated for only one year, will be discussed. The texts published in the journal present several possibilities of analysis to discuss the history of health. The final objective of this paper is to demonstrate the relevance of scientific journals and the place of specialized libraries as collections for the history of health sciences in Brazil.

Keywords: Periodism. Health. São Paulo. Medical Journals. History.

Introdução

Para um autor muito caro aos Estudos de Ciências e Tecnologia, Ludwik Fleck (2010), a *ciência dos periódicos* é um tipo de conhecimento, aquele que é provisório, incerto e marcado por aspectos de ordem pessoal. Isso porque o autor de um artigo de periódicos opera com pontos de vista e com métodos de trabalho que são resultantes da

¹ Professora da área de História das Ciências. Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade CNPq. E-mail: marciabarrossilva@usp.br

sua apropriação do saber. A provisionalidade, segundo Fleck, está na conexão que o trabalho inscrito nos periódicos busca ter com a *ciência dos manuais*, quer dizer, com aquilo que nos manuais está conforme com o estilo de pensamento da área e do respectivo grupo. A autor de artigo busca ressaltar como aspiração, geralmente na introdução e na conclusão dos seus artigos, a forma aderente aos conhecimentos científicos já bem estabelecidos.

Para Fleck a característica do que é pessoal ficaria patente na maneira provisória como o autor da *ciência dos periódicos* em geral se expressa, diferente do modo indiscutível da *ciência dos manuais*:

[...] a cautela específica dos trabalhos em periódicos, que pode ser reconhecida em expressões características como: ‘tentei provar que...’, ‘parece ser possível que ...’, ou ainda de forma negativa: ‘não se pode comprovar que...’, que deslocam o mais sagrado das ciências, a saber, o julgamento sobre a existência ou não existência de um fenômeno, do pesquisador individual para o coletivo exclusivamente legitimado. Somente a ciência impessoal dos manuais traz expressões como: ‘não existe isso e aquilo’ ou ‘há algo como’, ‘não há dúvida de que...’ (FLECK, 2010, p.172).

A segunda indicação da pessoalidade da ciência dos periódicos estaria ainda no reconhecimento de que a exposição do trabalho dever ser associada ao indivíduo, ao autor. Para Fleck, o reconhecimento dessa característica pessoal faz com que se tente “fazer desaparecer sua pessoa [do pesquisador]. Trata-se de algo reconhecível, por exemplo, pelo característico ‘nós’ no lugar do ‘eu’, isto é, pelo plural de modéstia (*pluralis modestiae*) específico, que é uma invocação dissimulada do coletivo” (Fleck, 2010, p. 172-173).

Para Steven Shapin e Simon Schaffer (2005) os periódicos são a própria forma de *testificar* o trabalho do cientista como produtor de conhecimento empírico. O leitor dos periódicos atuaria como testemunha ocular, desempenhando a função de garantidor daquele ato, coletivo, praticado dentro do laboratório experimental. Ao estudar o nascimento das ciências modernas os autores contrastaram o laboratório experimental com o gabinete do alquimista, destacando o embate entre o espaço público do laboratório contra o espaço privado do gabinete. Para esses autores a publicação do resultado da experimentação científica, produzida naquele novo tipo de espaço público, seria uma maneira de facilitar a reprodução dos “protocolos experimentais [que]

poderiam ser reportados de tal modo que habilitaria os leitores do informe a realizar os experimentos por si mesmos, assegurando de tal modo um testemunho distante porém direto” (SHAPIN & SCHAFFER, 2005, p. 99).²

Para esses mesmos autores, o que eles chamaram de *tecnologia literária*, juntamente com as tecnologias material, da experimentação, e social, do testemunho, era a própria forma de determinar a credibilidade de todo o procedimento experimental. O texto científico foi descrito então pelos autores como uma narração sobre a experiência e ao mesmo tempo a produção da imagem do uma “cena experimental”, configurando a confiabilidade e credibilidade sobre o que foi realmente produzido como conhecimento científico no laboratório do especialista.

Podemos fazer assim um caminho entre a noção de *tecnologia literária* de Shapin e Schaffer com a de *ciência dos periódicos* de Fleck, já que para esses autores o texto científico veiculado nos periódicos se caracterizaria pela associação inseparável que o texto constitui entre seu autor e a expectativa de incluir-se no conhecimento hegemônico da coletividade a qual pertence. Para Thomas Kuhn (1994), as questões descritas em artigos veiculados em periódicos especializados são tentativas de aprofundar determinado paradigma, tendo em vista aumentar a precisão de determinado conhecimento, até mesmo à busca por novas aplicações para paradigmas já conhecidos. Para Kuhn os manuais são fontes de autoridade científica a comunicar um vocabulário e uma sintaxe próprias para as ciências contemporâneas aos manuais em questão, e nesse sentido, a *ciência dos manuais* seria sempre destinada a perpetuar a ciência chamada normal.

Kuhn dedicou muito mais espaço em seu famoso livro, *A estrutura das revoluções científicas*, para discutir os manuais, pois a proposta dele era reconhecer as ciências amadurecidas e estabilizadas. Enquanto para Fleck os manuais permitiam verificar a tentativa de selecionar e produzir um dado ordenamento resultante de escolhas, como misturas, adaptações e sínteses de saberes alheios, aliados aos resultados dos

² Traduzido pela autora do original em espanhol: “... protocolos experimentales podían ser reportados de tal modo que habilitara a los lectores del informe a realizar los experimentos por sí mismos, asegurando de tal modo um testimonio distante pero directo” (SHAPIN & SCHAFFER, 2005, p. 99).

especialistas, formando um sistema em marcha, flexível, mas sempre provisório, diferente da noção de estabilização madura de Kuhn.

Mesmo assim, para Kuhn os manuais seriam veículos pedagógicos de inscrição em dada história profissional que ‘inventam’, como diria Eric Hobsbawn (1984), uma tradição tão longa quanto possível, que nunca teria existido exatamente no formato indicado nos textos veiculados naqueles manuais, por esse motivo a tradição científica se qualifica para ser tema de questionamentos dos estudos renovados de história das ciências. Como diz Kuhn:

Por razões ao mesmo tempo óbvias e muito funcionais, os manuais científicos (e muitas das antigas histórias da ciência) referem-se somente àquelas partes do trabalho de antigos cientistas que podem facilmente ser consideradas como contribuições ao enunciado e à solução dos problemas apresentados pelo paradigma dos manuais. Em parte por seleção e em parte por distorção, os cientistas de épocas anteriores são implicitamente representados como se tivessem trabalhado sobre o mesmo conjunto de problemas fixos e utilizado o mesmo conjunto de cânones estáveis que a revolução mais recente em teoria e metodologia científica fez parecer científicos (KUHN, 1994, p.175-176).

Bruno Latour e Steve Woolgar (1997) também tratam como inscrição literária o escrito científico veiculado nos periódicos especializados e o destacam como o produto de uma oficina particular: “Os artigos, longe de serem os relatórios do que foi produzido na fábrica, são considerados pelos membros da equipe como os produtos de sua usina singular” (LATOUR, WOOLGAR, 1997, p.39). Para esses autores o artigo científico se faz de remissões a outros artigos, num trabalho de justaposição de resultados que partem de máquinas tornadas inscrites, os equipamentos que “transformam um estado da matéria em outro” (LATOUR, WOOLGAR, 1997, p.44). Desta forma o próprio laboratório emissor do produto artigo “é um sistema de inscrição literária” (LATOUR, WOOLGAR, 1997, p.46). Para a proposta de análise dos autores, o mais importante é verificar o funcionamento de todo o sistema de comunicação que integra os movimentos de produção de conhecimento, suas trocas da comunicação formal com a comunicação informal dos resumos, formulários, rascunhos, etiquetas, diapositivos, apresentações, consideradas falas prévias ao artigo finalizado e publicado.

Há aqui uma convergência de caráter fundamental: para todos os autores os periódicos e manuais de ciências são fontes inesgotáveis para a história. Seja enquanto faceta da dinâmica literária, possível de ser apreendida no acompanhamento da

imprensa especializada, quanto nos debates travados dentro dos coletivos de pensamento, no sentido que Fleck (2010) dá às comunidades de cientistas, o que quer dizer tanto os periódicos participam como modo de acompanhar a projeção de ideias e controvérsias científicas, quanto como partícipe dos processos de configuração da facticidade do conhecimento.

O debate sobre a utilização de periódicos científicos como fonte de estudo histórico serve muito bem ao Brasil, na medida em que sabemos que a memória é um espaço de disputa política e que as bibliotecas são lugares também de preservação e de configuração da memória nacional.³ Ao mesmo tempo, temos cada vez mais a perda de documentação primária que dificulta ao historiador empreender seu trabalho de construção da história nacional. Mas aqui e em outros lugares pode-se expandir o papel e as funções desempenhadas pelas bibliotecas: monumentos de memória, monólitos de poder, redutos de informação, centros de lançamentos, bases de cálculo, portadoras de sínteses ou celeiros de projetos.

O universo das bibliotecas é complexo e também constituído por trabalhos distintos e distintos parâmetros de abrangência, em que a composição dos acervos, podem servir para avaliar diferentes áreas científicas em suas particularidades, permitindo acompanhar a história das instituições científicas, sua constituição, seus públicos, características, poder econômico, instalações, políticas de acesso, entre várias questões pertinentes à história das ciências.

Me interessa inserir neste amplo quadro aqui superficialmente delineado, a perspectiva de analisar as ciências em ação. Uma expectativa é, por exemplo, compreender como se deu a transição na substituição dos livros pelos periódicos em várias áreas, distintas entre si, já que sabemos que os periódicos tomaram o lugar dos livros como veículos de comunicação entre especialistas e instituições, com mais intensidade, pelo menos, desde o século XIX.⁴ A explicação genérica de que os periódicos permitem maior velocidade e mobilidade na comunicação dos resultados obtidos nas

³ Há uma infinidade de referências para a discussão sobre a configuração da memória e da preservação no Brasil, escolho indicar um exemplo, como o artigo de Rosane Maria Nunes Andrade, Bibliotecas: lugar de memória e de preservação - o caso da Biblioteca Nacional do Brasil, de 2009, pela representatividade da discussão.

⁴ Para uma introdução sobre o tema ver Ferreira (1996). Para uma ideia sobre as publicações periódicas paulistas, ver Catani (1999) e Cruz (2000, 1997).

pesquisas acadêmicas é apenas a parte aparente da comunicação científica, é preciso ainda verificar o que de fato está sendo comutado nesse negócio e por quê. Várias são as possibilidades de pesquisa com o material contido no riquíssimo espaço das bibliotecas brasileiras, com acervos de grande abrangência, e grande também pode ser a perspectiva de inovação no trato com os acervos especializados das ciências da saúde, como se pretende discutir adiante.

Acervos paulistas das áreas de Saúde

Um acervo de interesse é aquele formado pelas primeiras revistas médicas publicadas no estado de São Paulo, onde há grande conjunto de periódicos em diferentes áreas e especialidades, criados a partir de 1889. Há, no entanto, uma complexa dispersão do acervo, que não impede considerar as publicações paulistas como um conjunto que pode ser avaliado em para grandes períodos.

Proponho aqui expor uma proposta de periodização que leve em conta transformações que ocorriam na área médica no intervalo especificado, momento em que o entendimento sobre o funcionamento do conhecimento médico resultava na transição da higiene como campo de competência generalista, para a medicina bacteriológica como campo especializado. Essa mudança que ocorreu entre fins do século XIX e início do século XX, significou alterações na forma de empreender a atenção médica, na organização institucional da medicina, na hegemonia da saúde pública, na profissionalização e educação médicas, entre outras alterações (SILVA, 2014). Pretendo que por essas razões as revistas podem ser agrupadas em três tempos.

O primeiro momento deste ordenamento conjuga um grupo de revistas publicadas entre os anos de 1899 e 1912. Essas datas se referem respectivamente à publicação da primeira revista médica paulista, originada em grupo que buscava criar uma primeira sociedade profissional no estado, a Revista Médica de S. Paulo, e o momento de fundação da primeira escola médica oficial na capital, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SILVA 2002).

O segundo grupo é composto por revistas criadas entre 1913, ano de início do funcionamento da Faculdade de Medicina acima citada, e 1933, ano de criação da segunda escola médica no estado, a Escola Paulista de Medicina (SILVA, 2003).

O terceiro grupo comporta as revistas criadas a partir de 1934, ano de fundação da Universidade de São Paulo, que incorporou a Faculdade de Medicina de São Paulo, e 1950, ano de criação do CNPq, o então Conselho Nacional de Pesquisas.

Apresento o levantamento dos títulos criados em São Paulo, circunscritos aos periódicos que concentram artigos autorais. Como toda classificação algumas escolhas foram empreendidas. Utilizo a criação de instituições mantenedoras das revistas como um parâmetro de avaliação, isso porque penso que as instituições têm a capacidade de definir padrões de conformação profissional. As instituições permitem também incluir áreas de conhecimento no formato disciplinar, que são em geral organizadas tendo em vista mudanças na história das próprias instituições e na forma de obtenção de conhecimento na área da saúde.

Apresentarei a seguir tabelas com a descrição dos periódicos criados, divididas nos três grandes períodos indicados acima, com todas as revistas que puderam ser consultadas a partir da indicação dos catálogos das duas maiores bibliotecas paulistas da área médica existentes, justamente pertencentes às duas primeiras faculdades de medicina criadas no estado e citadas acima.

As tabelas estão divididas em três colunas. A primeira contém o título do periódico e de suas mantenedoras; a segunda coluna se refere ao primeiro ano de circulação da revista e a última indica o último ano de circulação do periódico, quando for o caso pois alguns poucos periódicos circulam até o presente. Destaco que o título original do periódico é o parâmetro que utilizo para definir o fim da circulação de um periódico. Mesmo assim, após o encerramento de um periódico ele pode ter sido continuado de modo a corresponder a mudanças e transformações na instituição mantenedora. Chamo de instituição mantenedora as sociedades médicas criadas para representar grupos profissionais e que por diferentes razões que não serão aqui discutidas, se modificaram, dando lugar a associações de novo tipo, de nova abrangência, e até mesmo alteração na denominação da especialidade a que se destinavam, tendo em

vista que o período entre os séculos XIX e XX foi o momento de conformação de várias áreas do conhecimento médico.

Algumas sociedades que tinham atuação em âmbito estadual, foram transformadas em associações profissionais de caráter nacional, e assim, mudanças nas estruturas das sociedades profissionais especializadas acarretaram alteração também nos títulos dos periódicos da área. Outras vezes uma instituição mantenedora de determinado periódico alterava suas funções ou denominações na estrutura do governo estadual a qual estava subordinada acarretando alteração também no nome do periódico.

Assim as revistas médicas possibilitam avaliar alterações que refletem mudanças no entendimento de determinada área de conhecimento, na sua estrutura legal e profissional. A data também indica o momento em que tais mudanças cristalizaram o formato final daquelas discussões, que ficam patentes ao acompanharmos a história do periódico. Todas essas características poderão ser mais bem acompanhadas nas tabelas a seguir.

Tabela 1 - Publicações médicas paulistas e afins criadas entre os anos de 1889 e 1912

Título	Ano de criação	Último ano
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Médica de São Paulo</i> Dirigida por Augusto César Miranda de Azevedo, Francisco de Paula Souza Tibiriçá e Luiz José de Mello Oliveira. 	1889	1890
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.</i> • Continuou como <i>Arquivos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.</i> • Continuou como <i>Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.</i> • Continuou como <i>Revista de Medicina e Cirurgia de São Paulo.</i> 	1895 1910 1914 1941	1898 1914 1941 1958
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Farmacêutica</i> Sociedade de Farmácia de São Paulo. 	1895	1895
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista da Sociedade de Anthropologia Criminal, Sciencias Penais e Medicina Legal</i> 	1896	1896
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Médica de São Paulo: jornal prático de Medicina, Cirurgia e Higiene.</i> Diretor proprietário: Victor Godinho. 	1898	1914
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Coletâneas de Trabalhos do Instituto Butantan</i> • Continuou como <i>Memórias do Instituto Butantan.</i> Complementado por <i>Anexos das Memórias</i> em 1921. 	1901 1918	1918 2001
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Jornal de Homeopathia.</i> Redigido por Magalhães Castro. 	1902	1902
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Gazeta Clínica.</i> Redatores Bernardo de Magalhães, Moraes Barros, Alves de Lima, Xavier da Silveira e Rubião Meira. 	1903	1954
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Imprensa Médica</i> • Continuação de <i>União Médica</i> de 1881-1890 criada no Rio de Janeiro 	1904	1914

Título	Ano de criação	Último ano
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista da Sociedade Científica de São Paulo</i>. Colaboravam os médicos Adolpho Lutz, Antonio Carini, Edmundo Krug e outros. 	1905	1905
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Odontologia Paulista</i>. Sociedade Odontológica Paulista. Redator chefe Emilio Mallet. Colaboraram os médicos Ulisses Paranhos, Américo Brasiliense e Rodolpho Chapot Prévost, dentre outros. 	1905	1905
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista de Ginecologia e de Obstetrícia</i>. Centro de Estudos da Associação Maternidade de São Paulo. Sociedade Paulista de Perinatologia. 	1907	1978
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Assistência Médica</i>. Sociedade Beneficente "A Assistência Médica". Fundada e dirigida por J. Demichelis. 	1908	1908

Fontes: Tabela produzida pela autora, tendo como fontes os catálogos da Biblioteca Geral da UNIFESP (Campus São Paulo) e da Biblioteca da Faculdade de Medicina da USP.

Tabela 2 - Publicações médicas paulistas e afins criadas entre os anos de 1913 e 1933

Título	Ano de criação	Último ano
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia</i>. Sociedade Portuguesa de Beneficência. Suplemento Boletim do Sanatório São Lucas (1939/1977). 	1913	2003
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos de Biologia</i>. Revista do Laboratório Paulista de Biologia S/A. Fundada por Ulisses Paranhos. 	1916	1965
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista de Medicina</i>. Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. FMCSF. 	1916	2002
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boletim do Instituto de Higiene de São Paulo</i>. Dirigido por Horácio Geraldo de Paula Souza. 	1919	1946
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP</i>. 	1947	1966
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Revista de Saúde Pública</i>. 	1967	Atual.
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Novoterapia</i> 	1921	1940
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo</i>. Secretaria da Justiça. Dirigida por Flamínio Fávero. 	1922	1959
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Annaes da Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo</i> 	1924	1994
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Memórias do Hospital de Juquery</i>. Fundada por Antonio Carlos Pacheco e Silva. 	1925	1935
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos da Assistência Geral a Psicopatas do Estado de São Paulo</i>. 	1936	1937
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos do Serviço de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo</i>. 	1938	1941
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos da Assistência a Psicopatas do Estado</i>. 	1941	1950
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo</i>. 	1951	1965
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos da Coordenadoria de Saúde Mental do Estado de São Paulo</i>. 	1966	1985
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Arquivos de Saúde Mental do Estado de São Paulo</i>. 	1986	1986
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Annaes da Faculdade de Medicina de São Paulo</i> 	1926	1933
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Anais da Faculdade de Medicina de São Paulo</i>. Universidade de São Paulo – USP. 	1934	1957
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boletim Biológico</i>. Clube Zoológico do Brasil e Sociedade Brasileira de Entomologia. Laboratório de Parasitologia. FMSP/USP. 	1926	1939

• <i>Actualidades Clínicas</i>	1927	1931
• <i>Publicações. Instituto Anatômico. Faculdade de Medicina da USP.</i>	1927	1929
• Continuou como <i>Publicações do Departamento de Anatomia. Faculdade de Medicina da USP.</i>	1930	1943
• <i>Revista de Biologia e Higiene. Sociedade de Biologia de São Paulo.</i>	1927	1941
• <i>Arquivos do Instituto Biológico e Defesa Agrícola e Animal</i>	1928	1934
• Continuou como <i>Arquivos do Instituto Biológico. Secretaria de Agricultura e Abastecimento.</i>	1934	1990
• <i>Arquivos Brasileiros de Higiene Mental</i>	1928	1930
• <i>Pediatria Prática. Sociedade de Pediatria de São Paulo</i>	1928	1980
• <i>Publicações do Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina da USP</i>	1928	1950
• <i>Revista de Criminologia e Medicina Legal</i>	1928	1929
• <i>São Paulo Médico. Fundada por Antonio de Almeida Prado e N. de Moraes Barros, dentre outros. Propriedade de Álvaro Simões Correia e direção de Simões Mattos.</i>	1928	1948
• <i>Folia Clínica et Biologica. Fundação Andrea e Virginia Matarazzo, fundada por Archimedes Bussaca.</i>	1929	1931
• <i>Publicações Médicas. Cia. Química Rhodia Brasileira.</i>	1929	1964
• <i>Revista de Terapêutica Practica</i>	1929	1932
• <i>Boletim do Sindicato dos Médicos de São Paulo. Continuou como Revista Informativa do Sindicato dos Médicos de São Paulo.</i>	1930 1946	1945 1971
• <i>Medicina Prática</i>	1931	1938
• <i>Revista de Oftalmologia de São Paulo. Sociedade de Oftalmologia de São Paulo.</i>	1931	1944
• Continuou como <i>Arquivos Brasileiros de Oftalmologia,</i>	1944	2003
• <i>Publicações do Laboratório de Parasitologia. Faculdade de Medicina da USP.</i>	1932	1961
• <i>Resenha Clínico Científica. Instituto Lorenzini.</i>	1932	1972
• <i>Revista da Associação Paulista de Medicina.</i>	1932	1940
• Continuou como <i>Revista Paulista de Medicina.</i>	1941	2003

Fontes: Tabela produzida pela autora, tendo como fontes os catálogos da Biblioteca Geral da UNIFESP, Campus São Paulo e da Biblioteca da Faculdade de Medicina da USP.

Tabela 3 - Publicações médicas paulistas e afins criadas entre os anos de 1934 e 1950

Título	Ano de criação	Último ano
• <i>Revista de Urologia de São Paulo. Dirigida por J. Martins Costa, Carvalho U. de Azevedo.</i>	1933	1938
• <i>Revista Paulista Terapêutica.</i>	1933	1934
• <i>Revista de Cirurgia de São Paulo</i>	1934	1956
• <i>O Biológico</i>	1935	1989
• <i>Publicações Farmacêuticas</i>	1935	1950
• <i>Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo</i>	1935	1944
• <i>Revista de Obstetrícia e Ginecologia de São Paulo</i>	1935	1947
• <i>Revista Paulista de Tisiologia. Sociedade dos Médicos do Instituto Clemente Ferreira.</i>	1935	1954
• Continuou como <i>Revista Paulista de Tisiologia e do Tórax.</i>	1955	1965
• <i>Arquivos de Higiene e Saúde Pública. Secretaria da Saúde Pública e da Assistência Social.</i>	1936	1969
• <i>Caderno de Pediatria. Hospital Humberto I.</i>	1936	1941
• <i>Revista da Associação Paulista de Homeopatia.</i>	1936	1940
• Continuou como <i>Revista de Homeopatia (São Paulo).</i>	1940	2003
• <i>Revista de Leprologia de São Paulo. Sociedade Paulista de Leprologia.</i>	1933 1936	1936 1970
• Continuou como <i>Revista Brasileira de Leprologia. Sociedade Paulista de Leprologia.</i>	1976	2003

<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Hansenologia Internacionalis</i>. Divisão de Hansenologia e Dermatologia Sanitária. Instituto de Saúde. Instituto Lauro de Souza Lima. 		
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental</i>. Clínica de Moléstias do Aparelho Digestivo. Faculdade de Medicina da USP. 	1937	1969
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos de Dermatologia e Sifilografia de São Paulo</i> 	1937	1958
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Clínica de São Paulo</i> 	1937	1958
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Anais do Instituto Pinheiros</i> 	1938	1951
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista de Oftalmologia de São Paulo</i>. Absorvida pelos <i>Arquivos Brasileiros de Oftalmologia</i>. Conselho Brasileiro de Oftalmologia. 	1931 1938	1944 1999
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Anais Estudantinos</i>. 	1934	1944
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Anais Científicos</i>. 	1945	1967
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista de Gastroenterologia de São Paulo</i>. Sociedade Paulista de Gastroenterologia. 	1938	1945
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Anais da Faculdade de Farmácia e Odontologia</i>. Universidade de São Paulo – USP. 	1939	1962
<ul style="list-style-type: none"> • Subdividida em <i>Revista da Faculdade de Farmácia e Bioquímica</i>. Universidade de São Paulo – USP. 	1963	1969
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas</i>. 	1970	1999
<ul style="list-style-type: none"> • Subdividida em <i>Revista da Faculdade de Odontologia</i>. Universidade de São Paulo – USP. 	1963	2003
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fichário Médico-Terapêutico</i>. Institutos Terapêuticos Reunidos Labofarma. 	1939	1966
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista XXV de Janeiro</i>. Centro Acadêmico XXV de Janeiro. Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP. 	1939	1963
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ficha Clínica</i> 	1940	1946
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista do Instituto Adolpho Lutz</i>. Instituto Adolpho Lutz. 	1941	2003
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Médico-Social</i> 	1942	1945
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos de Neuro-Psiquiatria</i>. Academia Brasileira de Neurologia (Suplemento Boletim da Academia Brasileira de Neurologia). 	1943	1999
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Brasileira de Medicina</i>. Editorial Sul. 	1943	1999
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Anais Nestlé</i>. Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares. 	1944	1993
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Maternidade e Infância</i> 	1945	1977
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Notas Médicas</i> 	1945	1976
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista do Hospital das Clínicas</i>. Faculdade de Medicina da USP. 	1946	2003
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Seleções Médicas</i>. Instituto de Terapêutica Humanitas. 	1946	1962
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista de Obstetrícia e Ginecologia de São Paulo</i>. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 	1935	1947
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Anais da Clínica Ginecológica</i>. Faculdade de Medicina da USP. 	1947	1958
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Anais do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia</i>. Faculdade de Medicina da USP. 	1959	1962
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Ginecologia e Obstetrícia Brasileiras</i>. Aché Laboratórios Farmacêuticos (s. i. de 1962 a 1977). 	1978	1988
<ul style="list-style-type: none"> • Continuou como <i>Revista de Ginecologia e Obstetrícia</i>. Instituto da Mulher, Hospital das Clínicas, FMUSP. 	1990	2003
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Revista Brasileira de Otorrinolaringologia</i> 	1947	1966
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos Brasileiros de Cardiologia</i>. Sociedade Brasileira de Cardiologia. 	1948	1999
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Medicina Moderna</i> 	1948	1950
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Anais da Clínica Ginecológica da Santa Casa de São Paulo</i> 	1949	1960
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arquivos Médicos Municipais</i>. Sociedade Médica da Municipalidade de São Paulo. 	1949	1963
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boletim de Psicologia</i>. Sociedade de Psicologia de São Paulo. 	1949	1998
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Boletim do Centro de Estudos de Oftalmologia Prof. Moacyr E. Álvaro</i> 	1949	1958
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Caderno de Terapêutica Labor</i>. Laborterápica-Bristol S.A. 	1950	1965

• <i>Boletim Mensal do Centro de Estudos Franco da Rocha</i> . Hospital do Juquery.	1957	1964
• Continuou como <i>Boletim Centro de Estudos Franco da Rocha</i> .	1965	1981

Fontes: Tabela produzida pela autora, tendo como fontes os catálogos da Biblioteca Geral da UNIFESP, Campus São Paulo e da Biblioteca da Faculdade de Medicina da USP.

A Revista Médica de São Paulo, primeira revista médica paulista

A fim de apresentar as possibilidades de trabalho com acervos de revistas médicas, apresentarei pequena análise da primeira revista paulista. A Revista Médica de São Paulo foi criada em 1899 e, segundo consta, circulou apenas no ano de sua criação. A revista teve cinco fascículos e seus editores, fundadores e mantenedores foram os médicos Augusto Cesar Miranda Azevedo, Francisco de Paula Souza Tibiriçá e Luiz José de Mello Oliveira. A revista deveria ‘aparecer’ entre os dias 16 e 25 de cada mês, com fascículos de 32 páginas, na expectativa de formar um volume de 384 páginas a cada ano. A redação funcionava em escritório à rua do Comercio, 25, sendo que a revista foi impressa pela Typographia King, responsável pela impressão tanto de livros de particulares quanto de publicações oficiais, tais como relatórios do governo do estado.

A Revista anunciava o valor de 12\$000 (doze mil réis) para assinaturas anuais no Brasil e 14\$000 (quatorze mil réis) para países estrangeiros, o fascículo era também vendido unitariamente. Os valores ficavam sob administração de Mello Oliveira, indicado como gerente responsável, possivelmente maior doador de recursos financeiros, já que era possuidor de grande fortuna (MELLO OLIVEIRA, 1985). Na contracapa a revista indicava: “Serão consideradas assinantes todas as pessoas a quem mandarmos o presente número de REVISTA e não o devolverem” (REVISTA, 1889, contracapa).

O primeiro editorial da revista, assinado em 16 de maio daquele ano, trazia longas três páginas de apresentação. No texto a criação da revista ligava-se “às circunstâncias de progresso social que tem tido esta província” e ao seu “aumento de riqueza pública e particular”. O editorial, no entanto, contrastava o progresso econômico com o “nível moral e intelectual [que] conserva-se em quase no antigo gráo de muitos anos passados” (REVISTA, 1899, p.1). O objetivo da revista, segundo seus criadores, era incitar a “classe médica” a exercer papel ativo na condução da profissão, com a futura criação de associações, sociedades e “órgãos científicos”. A comparação se fazia com países da

América do Sul, com uma crítica discreta à comunidade médica do Brasil, onde a “má organização política e social, que por meio do systema centralizador oficial, tudo esterelisa e mata...” (Idem, ibidem).

Havia grande crítica à falta de veículos para publicação de trabalhos científicos em língua nacional, o que teria forçado, segundo os editores, a migração dos autores brasileiros para participarem de publicações estrangeiras. O editorial além de nomear médicos importantes para as ciências brasileiras na época, indicando notáveis como Domingos Freire, Clemente Ferreira, Adolpho Lutz, João Batista de Lacerda, destacava também outros menos conhecidos na história da medicina nacional como Barbosa Rodrigues, Silva Araújo, Azevedo Lima, Guedes Mello, Hilário de Gouvêa.

A definição de “modernos experimentadores” para os médicos destacados era apontada em comparação com a medicina realizada em países como França, Itália e Alemanha. O editorial destacava a medicina brasileira pela especificidade das patologias intertropicais como especialidade primordial de atuação dos médicos nacionais. Nesse domínio foram sendo perfilados pelo editorial, como evidência da competência dos médicos no Brasil, estudos sobre febres e doenças como a beribéri, a helmintologia, a “hemato-chyluria” e a “hypoemia intertropical”.

A expectativa presente no editorial era a de que os médicos paulistas contribuíssem para a “solução dos problemas científicos quer puramente médicos quer de hygiene publica e social” do estado (REVISTA, n. 1, 1899, p.3). As áreas indicadas como preferenciais para o aceite das publicações naquela revista eram as de questões gerais em medicina, cirurgias, hygiene pública, polícia sanitária e ética médica, a partir de estudos clínicos e experimentais. A seção com maior volume de notas e com a presença de médicos de São Paulo era a Revista da Imprensa Médica, que trazia em geral a descrição de experimentações ou observações realizadas pelos autores. O tema da ética médica, por outro lado, significava discussões sobre charlatanismo e organização profissional, mas a maioria das questões levantadas no periódico eram direcionadas ao tema da hygiene urbana.

A efetivação dessas expectativas apresentadas no editorial somente pôde ser acompanhada pela avaliação de quatro fascículos publicados no decorrer de 1889. A

revista foi interrompida naquele mesmo ano, com apenas cinco fascículos, não sem antes tentar realizar o projeto de permitir aos médicos paulistas a veiculação dos seus estudos. A revista trazia seções de artigos originais, resenhas, resumos e notícias; muitos artigos e seções eram de autoria dos próprios editores, mas não somente eles, como pode ser verificado na seguinte tabela:

Tabela 4 - Artigos publicados na Revista Médica de São Paulo, ano de 1889

Fascículos (títulos e autores reproduzidos como no original)
Número 1
Editorial (p. 1-3)
Autor: F. Tibiriçá Considerações sobre a febre amarela (p. 3-6).
Autor: Mello Oliveira Matéria Médica Brasileira. Jalapa de S. Paulo (p. 6-8)
Autor: Domingos Freire Nota sobre um alcaloide extrahido da “fructa de lobo” pelo professor dr. Domingos Freire (reprodução) (p. 9-11).
Autor: Marcelino de Brito Urologia. Da analyse da urina (p. 11-12).
Revista da Imprensa Médica. (Pequenas notas de diversos autores) (p. 12-22).
Noticiário (p. 23-32).
Número 2
Autor: Domingos Freire Patologia Intertropical. Notas sobre os diferentes aspectos da urina nos casos de chyluria (p. 1-2)
Autor: F. Tibiriçá Considerações sobre a febre amarela – Continuação (p. 3-8)
Autor: Mello Oliveira Tocologia. Forceps de compressão antero-posterior para aplicação no estreito superior com estreitamento (p. 8-9).
Autor: Marcellino de Brito Urologia. Da analyse da urina (p. 9-13).
Autor: S. M. Nota sobre a queratina (p. 13-14),
Autor: Carvalhal Correspondência Médica. Febre amarela (p. 14-18).
Revista da Imprensa Médica (Pequenas notas de diversos autores) (p. 18-27).
Bibliografia (p. 27-29).
Noticiário (p. 30-35).
Número 4⁵
Exercício ilegal da medicina (editorial) (p. 91-92).
Autor: Mello Oliveira

⁵ O número 3 não foi encontrado. Denota-se que o fascículo 4 inicia-se na página 91, portanto com alteração na paginação que até aquele fascículo iniciava-se na página 1, o que sugere que o volume 3 pode ter iniciado sua paginação pela página 36, subsequente à paginação do fascículo, o que, no entanto, não pode ser confirmado.

Matéria Médica e Terapêutica Brasileira. Da Caferana como antithermico. Historia natural (p. 93-99).
Autor: F. Tibiriçá Clínica Terapêutica. Associação da pereirina à quinina nas febres palustres (p. 99-103).
Autor: Silva Braga Farmacologia. Preparado da pomada de iodureto de potássio (p. 103-106).
Autor: Thomaz de Aquino. Registro Clínico. Um caso de hysteismo simulando acesso da febre intermitente (p. 106-111).
Autor: Carvalhal Correspondência Médica. Febre amarella em S. Paulo (p. 111-117).
Revista da Imprensa Médica (Pequenas notas de diversos autores) (p. 117-121).
Noticiário (p. 121-126).
Número 5
Autor: A C. de Miranda Azevedo Patologia Intertropical. O Beriberi em S. Paulo (p. 127-130).
Autor: Marcellino de Brito. Urologia. Da analyse da urina (p. 130-135).
Autor: J. E. de Macedo Soares. Chimica Orgânica. Das Amidas em geral e da Anilina e seus derivados em particular (p. 135-139).
Autor: J. E. de Macedo Soares (pharmacêutico). Pharmacologia. Preparação da pomada de iodureto de potássio (p. 139-141).
Sociedades scientificas. Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo (p. 141-145)
Segundo Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia (p. 145-166)
Noticiario (p. 166-168).

Fonte. Revista Medica de São Paulo, fascículos 1, 2, 3 e 5. 1889.

Vê-se pelos artigos que os autores tinham claramente a intenção de que a revista servisse de espaço de atualização para os médicos, funcionando como um tipo de manual de temas candentes, ou pelo grande número de páginas para determinados temas, os maiores com mais de três páginas sobre análise de urina, descrição como o desenvolvimento da febre amarela e beribéri, ou em passagens que pregavam o treinamento dos seus leitores: “Tínhamos em vista fazer um relatório circunstanciado, tanto quanto possível sobre a febre amarela e seu tratamento”, como apontava Francisco Tibiriçá (REVISTA, 1889, n.1, p.3); ou como escreveu Mello Oliveira: “A resina de Japala de S. Paulo é um produto farmacêutico oficial e para obte-lo procede-se como se segue...” (REVISTA, 1889, n.1, p.6), entre outros.

A apresentação de achados e inventos aparecia na descrição sobre o uso tanto de produtos naturais, como os acima indicados, quanto para o uso de equipamentos, como em artigo do segundo fascículo, retirado do *British Medical Journal* do ano de 1889 pelo dr. Mello Oliveira:

O Dr. Samuel Sloan vem de apresentar a pratica obstétrica um novo fórceps, um instrumento de compressão antero-posterior, destinado às aplicações no estreito superior. Este fórceps é ao mesmo tempo um instrumento de compressão e de tracção; ele se articula do mesmo modo que o fórceps ordinário (MELLO OLIVEIRA, n. 2, p.8).

A revista também trazia informações sobre métodos, medicamentos e procedimentos novos, debatidos por diferentes autores nacionais ou traduzidos de revistas francesas e alemãs principalmente. A seção *Revista da Imprensa Medica* era por vezes extensa, e trazia notas assinadas por médicos jovens como aconteceu no primeiro fascículo, em que a seção teve 20 página, com textos de José Redondo, Arnaldo Vieira de Carvalho e dos próprios editores.

Na seção *Noticiário* a revista publicava notas sobre a ‘classe médica’ e a ‘vida social’ da comunidade paulista. Nessa mesma seção, no primeiro fascículo, a primeira notícia foi sobre a própria publicação da Revista Médica de São Paulo, descrevendo as especialidades preferenciais de trabalho da revista, as “questões de pathologia geral e intertropical, hygiene publica e matéria medica brasileira” (REVISTA, n.1, p.23). A revista indicava aceitar contribuições de médicos e de farmacêuticos. Ainda naquele primeiro noticiário foram explicadas detalhadamente as sessões e os conteúdos a serem publicados no periódico:

No primeiro artigo está exposto de um modo geral o programma d’este periódico, e esboçado a traços largos o que pretende realizar. A parte clínica terá uma secção própria, onde serão registradas observações dos casos mais interessantes que nos forem comunicados pelos collegas. Principalmente para o preenchimento dessa parte contamos com o auxilio valioso do corpo medico; acceitamos até simples notas, ás quaes daremos redacção apropriada, quando seus autores, por falta de tempo, não possam redigil-as completamente (REVISTA, n. 1, p.23).

Em seu primeiro *Noticiário* a revista indicou os preparativos para a criação do que pretendia ser a primeira Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo organizada pelo médico Carlos Botelho ou apontava dificuldades no periodismo nacional, como o encerramento de um *Anuario Medico Brasileiro*, produzido na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro cujo autor o médico Carlos Costa, bibliotecário que não conseguia recursos para dar continuidade à sua publicação.

Nesta mesma seção indicavam-se também festividades, como um banquete oferecido a uma Comissão Medica Provincial na cidade de Santos; notícias do Congresso

de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; visita de médicos de outros estados à cidade de São Paulo; falecimentos, estudos e tratamentos em andamento, em geral finalizada com dados de observações meteorológicas na capital, realizadas pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo.

Um exemplo sobre material de interesse na descrição da flora nacional a fim de tratar da nosologia local estava na discussão realizada na seção “Bibliografia”, publicada no segundo fascículo, de autoria do médico Miranda de Azevedo.

Azevedo fazia a resenha de livro do outro diretor, Luiz J. de Mello de Oliveira, intitulado “Enumeração científica de plantas indígenas brasileiras, por ordem ou classes, famílias, gêneros, espécies e nomes vulgares”, em 2ª. Edição de 1888. O “valor e utilidade” foi a condição destacada para a publicação da resenha. Miranda de Azevedo ligava o tema do livro indicando um “vasto” conjunto de brasileiros atuantes na botânica. Para ele a botânica era importante dentre as ciências naturais, pelo recurso a uma terapêutica nacional: “Velloso, Freire Allemão, Corrêa de Mello, Barbosa Rodrigues, Ladisláu Netto, Nicoláu Moreira, Almeida Pinto, Caminhoá, Pizzarro e tantos outros, revelam riquezas extraordinárias, e servem de estímulos a novos investigadores”, além de citar ainda Von Martius e sua obra, *Flora Braziliensis* (AZEVEDO, 1889, p.27).

A resenha é de interesse para o debate sobre revistas como acervos para a história da medicina porque se vê aqui as possibilidades que esse tipo de documentação apresenta. Além de destacar os interesses de médicos atuantes no período, e que por vezes permanecem desconhecidos para a historiografia atual, o artigo citado trouxe para debate temas e conteúdos também pouco explorados.

A resenha de Miranda de Azevedo propicia discussão sobre a noção de terapêutica e de classificação, tendo como objeto a flora nacional, e dá provas da imbricação entre a medicina brasileira e os conhecimentos locais para o tratamento de doenças.

Azevedo descreveu as particularidades do opúsculo de Mello Oliveira. Primeiro indicando a expectativa de vulgarização dos conhecimentos sobre a flora brasileira, a fim de “facilitar a utilização do enorme cabedal conquistado”, como um “serviço prestado às letras pátrias” (AZEVEDO, 1889, p.28). Em segundo lugar apontava os diferentes modos

de classificação utilizados e a difícil conversão entre esses e os componentes dos compostos mais conhecidos na medicina aceita naquele momento. Dizia Azevedo: “Uma das causas dos inconvenientes que assinalamos, depende da ignorância vulgar do nome dos vegetaes, onde reina grande confusão...” (Idem, ibidem). O que o autor da resenha iria destacar a partir do texto original eram as controvérsias estabelecidas e reconhecidas por Mello Oliveira, que demonstravam as diferenças regionais no reconhecimento da flora nacional:

É disso exemplo o *Anda Braziliensis*, *Johanesia princeps* *Aleuristes Pentapyllum*, *Phanoresia Principeps*, que no vulgo é conhecido com nomes igualmente diferentes, conforme as províncias, como seja: - Anda-assú (Rio de Janeiro), Indayá-assú (S. Paulo), Fructa da Cotia (espírito Santo e parte da província de Minas) (AZEVEDO, 1889, p.27-28).

O que se via era a indicação de que as mesmas plantas possuíam uma descrição na “therapeutica” popular, e outra na medicina oficial. Ao ser assim indicadas o resenhista demonstrava que entre aqueles médicos havia aceitação muito pragmática do saber popular sobre o tratamento de doenças, pelo menos naquela região.

Comparando a denominação de plantas com seus efeitos, Miranda de Azevedo e Mello Oliveira nos fornecem quadro comparativo do crescimento da medicina oficial frente a medicina popular e vice-versa, o quanto da medicina popular era partícipe das tradições de cura nacional. Se vê ainda que naquele momento, em que começavam a se esboçar primórdios de debate sobre a organização de instituições médicas educacionais, a medicina popular era ainda aceita e compatível com a prática médica formal.

Isso porque seria a partir daquele momento, em específico, com a criação da segunda revista médica de São Paulo em 1898, que passou a haver tentativas cada vez mais sérias de distanciamento dos saberes populares, em nome de uma medicina que se queria científica e experimental. As instituições médicas que seriam criadas a partir do fim do Império para tratar dos tópicos ligados à saúde pública, por força da íntima relação com a perspectiva de adequação profissional aos temas do progresso científico e nacional, seriam debatidos em termos cada vez mais distanciados da apreensão mais empírica dos saberes tradicionais, e também dos médicos que ainda atuavam em proximidade com aqueles saberes.

Ao citar Mello Oliveira, Azevedo destacava a capacidade de reconhecer o problema da classificação empírica pelo autor resenhado:

A diversidade de nomes comuns de um vegetal, póde facilmente induzir qualquer profissional pouco versado na Botanica, a sérias causas de erros, e assim, a nossa enumeração poderá servir de guia para o confronto entre o termo vulgar e o científico; eis a vantagem do nosso trabalho, o qual sujeitamos a classificações por ordem de classes, famílias, gêneros e espécies, seguido dos nomes vulgarmente conhecidos em diversas localidades do Brasil (AZEVEDO, 1889, p.28).

Se vê ainda pela resenha que a descrição dos modos de obtenção de plantas com ações terapêuticas, especificamente no território paulista, era condição de superação das dificuldades locais de fixação de médicos e de obtenção de fármacos e medicamentos apropriados, na região:

Os habitantes da província de S. Paulo que em grande numero penetravam no interior, ou para captivar índicos, ou para descobrir outro e pedras preciosas, foram os que tiveram n'isto, (aquisição de plantas medicinaes), a máxima parte. Tendo continuamente (sic) de lutar com uma natureza inculta, que nada lhes concedia sem dificuldade, cercados de perigos quotidianos, empregavam uma certa ousadia nas tentativas e nas curas, pelo que era impossível que não adquirissem um certo numero de experiencias, aceitas depois e analysadas por alguns poucos médicos e cirurgiões (...) (AZEVEDO, 1889, p.28-29).

Ao mesmo tempo Azevedo reproduzia texto traduzido de Martius para demonstrar o que seria a grande capacidade local para a apreensão de medicamentos a partir da natureza paulista:

Conta-se que estes paulistas fizeram também varias descobertas de remédios, observando o instincto dos animaes, por exemplo o adeneropium opiferum foi chamado raiz de tihu, porque o grande lagarto (ameiva) o procura, quando está doente, e o drymis granatensis, casca de anta, porque se diz que o tapir americano nas mesmas ciscumstancia (sic), lhe róe a casca. Por causa desses felizes achados, ainda actualmente os habitantes da província de S. Paulo, passam pelos mais peritos conhecedores dos medicamentos indígenas, e muitas d'essas receitas tem o alcunhe de Remedio dos Paulistas" (AZEVEDO, 1889, p.28-29).

Azevedo debatia com Mello Oliveira em nome do aperfeiçoamento do opúsculo resenhado, propondo o que podemos entender como uma equiparação entre todas as instâncias de produção de conhecimento terapêutico. Azevedo criticava a falta de alguns vegetais muito conhecidos, mas que não teriam sido indicados no texto, "e outras tantas plantas uzadas diariamente, quer pelo povo, quer pelos médicos" (AZEVEDO, 1889, p.29). Apontou para a falta de uma listagem por ordem alfabética dos nomes vulgares,

que em sua opinião era como deveriam ser apresentadas as plantas, além de solicitar que fossem acrescentados os nomes indígenas, na língua vulgar, quer dizer em português, assim como em alemão, francês e italiano. Tudo isso com o fim de que “seria de grande utilidade pratica, facilitando a consulta, e mesmo facultando o meio aos estudiosos para poderem ratificar os nomes, que o mesmo vegetal tem em diferentes províncias” (AZEVEDO, 1889, p.29).

Considerações Finais

Retomando a discussão inicial, se viu que a análise empreendida por autores de diferentes correntes nos estudos de história das ciências e da tecnologia debatem a importância do artigo científico e, portanto, de seu suporte, os periódicos especializados, como de vital relevância para a discussão sobre o funcionamento das ciências. Reforço aqui que compreendo o conhecimento científico como um processo empírico, que como afirma Karin Knor Cetina (1999), entrelaça objetos, conformando em suas relações características culturais e epistêmicas. No caso da medicina paulista, o número de revistas médicas criadas na passagem para o século XX demonstra a enorme gama de possibilidades para a história da saúde, e ao mesmo tempo, o enorme potencial dos acervos incorporados em bibliotecas. O caráter histórico dos acervos das bibliotecas de instituições médicas permite trabalhar com verdadeiras preciosidades para a pesquisa acadêmica, que até o momento estão subutilizadas. O exemplo da Revista Médica de São Paulo demonstra que há temas de grande interesse, como a transição da medicina tradicional para a medicina acadêmica, dos conhecimentos médicos adquiridos por meio das relações com os conhecimentos populares, que podem ser discutidos mesmo a partir de veículos de comunicação oficiais.

Referências

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação - o caso da Biblioteca Nacional do Brasil. In: *Patrimônio e memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 4, n. 2, p. 17-34, jun. 2009.

AZEVEDO, Miranda. Bibliografia. *Revista Medica de São Paulo*, n. 2, p. 27-29.

CATANI, Denise Barbara & SOUSA, Cynthia Pereira de (orgs.). *Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996)*. Catálogo. São Paulo: Plêiade/Finep, 1999.

CRUZ, Heloísa de Faria (org.). São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930). São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1997. Coleção Memória, Documentação e Pesquisa.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: Educ/Fapesp/Arquivo do Estado de São Paulo, 2000.

FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros da primeira metade do século XIX*. 1996. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; São Paulo: FFLCH/USP.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

KNORR-CETINA, Karin. *Epistemic cultures: how the sciences make knowledge*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

MELLO OLIVEIRA, Luiz José de. *Materia medica brasileira*. Jalapa de S. Paulo. In: *Revista Medica de São Paulo*, no. 1, 1889, p. 6-8.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. *Metamorfoses da riqueza São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: Hucitec; Prefeitura Municipal de São Paulo, 1985.

SHAPIN, Steve e SCHAFFER, Simon. *El Leviathan y la bomba de vacío. Hobbes, Boyle y la vida experimental*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

SILVA, Márcia Regina Barros da. *Estratégias da ciência: a história da Escola Paulista de Medicina (1933-1956)*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. O ensino médico em debate: São Paulo – 1890-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9 (suplemento), p. 139-59, Rio de Janeiro, 2002.

_____. *O laboratório e a República: saúde pública, ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo (1891-1933)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Fapesp, 2014.

TIBIRIÇÁ, Francisco. Considerações sobre a febre amarela. In: *Revista Medica de São Paulo*, n. 1, 1889, p. 3-6.

Acervos

Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP.

Biblioteca Central da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP / Campus São Paulo.

Periódico

REVISTA Médica de S. Paulo. 1889.

Enviado em: 07.10.2019

Aceito em: 02.12.2019